

DISCURSO E IDEOLOGIA: O CASO DE “UM SÁBADO QUALQUER”

Clériston Jesus da Cruz (UNEB)

cleriston.cruz@hotmail.com

Gilberto Nazareno Telles Sobral (UNEB)

gsobral@uneb.br

RESUMO

Para este trabalho foram selecionadas três tirinhas de “Um Sábado Qualquer”, produzidas pelo cartunista Carlos Ruas, que versam sobre a criação do mundo na perspectiva de Deus. As tirinhas possuem como pano de fundo o tema religião, uma vez que as suas histórias e os personagens principais que as compõem são baseados nos escritos do cristianismo. O objetivo é analisar as três tirinhas (gênero derivado das histórias em quadrinhos), com o intuito de verificar as formações ideológicas que interpelam o sujeito na produção do discurso quadrinista. A pesquisa é bibliográfica com foco na investigação de caráter qualitativa. A fim de alcançar o objetivo, utiliza-se para análise do *corpus* os pressupostos teóricos da Análise de Discurso, teoria desenvolvida por Michel Pêcheux (2014), e os postulados sobre ideologia de Louis Althusser (1998). Por fim, esta pesquisa resulta em uma atividade de leitura discursiva das tiras de humor produzidas pelo referido cartunista, considerando interdiscursivamente a possibilidade de que as tiras extrapolam o discurso religioso, sendo interpelado pelo discurso humorístico e o científico. Para mais, a análise do personagem Deus nas tirinhas ainda aponta para a imagem de uma divindade que, apesar de ser o símbolo maior da religião católica, por vezes, aparece tendo um comportamento diferente do esperado – em desacordo com os dogmas religiosos.

Palavras-chave:

Ideologia. Tirinhas. Formação ideológica. Análise de Discurso.

ABSTRACT

For this work, were selected three comic strips from Any Saturday, produced by cartoonist Carlos Ruas, which deal with the creation of the world from the perspective of God. The strips have the theme of religion as a background, since their stories and the main characters that compose them are based on the writings of Christianity. The objective is to analyze the three comic strips (genre derived from comic books), in order to verify the ideological formations that question the subject in the production of comic book discourse. The research is bibliographic with a focus on qualitative research. In order to achieve the objective, the theoretical assumptions of Discourse Analysis, a theory developed by Michel Pêcheux (2014), and Louis Althusser's postulates on ideology (1998) were used to analyse the corpus. Finally, this research results in a discursive reading activity of the humor strips produced by the referred cartoonist, considering interdiscursively the possibility that the strips go beyond the religious discourse, being questioned by the humorous and scientific discourse. Furthermore, the analysis of the character God in the strips points to the image of a deity who,

despite being the greatest symbol of the Catholic religion, sometimes appears to behave differently than expected – In disagreement with religious dogmas.

Keywords:

Ideology. Discourse Analysis. Comic strips. Ideological formation.

1. *Palavras iniciais*

A noção de ideologia formulada por Michel Pêcheux em sua teoria da Análise de Discurso (AD), como já foi amplamente divulgado, principalmente pelo próprio idealizador da AD, é uma releitura e/ou reformulação dos estudos althusserianos acerca do mesmo tema. Pautando-se nas propostas do materialismo histórico e a fim de expressar uma teoria do discurso, Pêcheux abre mão da subjetivação individual para pensar nas relações sociais resultante de uma formação social dada (representações ideológicas, políticas e teóricas, aparelhos que regulam e hierarquizam as práticas dos sujeitos, bem como, de suas posições).

A teoria desenvolvida por Pêcheux não só reforça as teses de Althusser, como amplia o seu escopo de atuação para o campo linguístico discursivo. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é analisar três tirinhas (gênero derivado das histórias em quadrinhos) produzidas pelo cartunista Carlos Ruas, com o intuito de verificar as formações ideológicas que interpelam o sujeito na produção do discurso quadrinista. Isto posto, será dado maior destaque para a noção de formação ideológica, apesar da teoria pecheutiana ser constituída de uma série de conceitos (formação discursiva, memória, interdiscurso, sujeito entre outros).

As tirinhas produzidas por Ruas possuem como pano de fundo o tema religião, uma vez que as suas histórias e os personagens principais que as compõem são baseadas nos escritos do cristianismo, havendo ressalva para algumas tirinhas específicas na qual há a inserção de personagens de outros segmentos religiosos. No caso deste trabalho, as três tirinhas escolhidas para análise versam sobre a criação do mundo na perspectiva de Deus, personagem que é a representação da figura divina do cristianismo.

Diante disso, a fim de alcançar o objetivo, neste artigo, num primeiro momento, será discutida a teoria de Pêcheux (2014) em diálogo com os postulados de Althusser (1998). Em seguida, será brevemente apresentado o contexto de produção das tirinhas de Ruas. Por fim, será feita uma análise das formações ideológicas que interpelaram o sujeito quadrinista, propiciando determinados discursos.

2. *Compreendendo Discurso e Ideologia*

Como ponto de partida, toma-se o pensamento de Althusser (1998) sobre ideologia. Para o referido autor, a ideologia não pertence ao campo das ideias, isto é, a sua existência é material. Portanto, as ideologias devem ser vistas e estudadas como um conjunto de práticas materiais que contribuem na constituição do indivíduo enquanto sujeito. Dito isso, tem-se a noção de que a ideologia não pode ser reduzida a um amontoado de ideias a serem impostas, mas compreendidas como ideias que se efetivam em práticas sociais inscritas em instituições, que reguladas por rituais atuam nos aparelhos ideológicos de estado. Outrossim, a exemplo da efetivação dessas práticas sociais, Althusser (1998) reitera:

Diremos, portanto, considerando apenas um sujeito (tal indivíduo), que a existência das ideias da sua crença é material, porque as suas ideias são atos materiais inseridos em práticas, reguladas por rituais materiais que são também definidos pelo aparelho ideológico material de que revelam as ideias desse sujeito [...] a materialidade de uma deslocação para ir à missa, de um ajoelhar, de um gesto de sinal da cruz ou de uma *mea culpa*, de uma frase, de uma oração, de uma contrição, de uma penitência, de um olhar, de um aperto de mão, de um discurso verbal externo ou de um discurso verbal «interno» (a consciência)¹. (ALTHUSSER, 1998, p. 88-9)

Ademais, para Althusser (1998, p. 94) “toda ideologia tem por função (que a define) «constituir» os indivíduos concretos em sujeitos”². Desse modo, pode-se compreender que toda prática social é configurada através de e sob uma ideologia e que só existe ideologia por causa dos e para os sujeitos. Isto posto, cabe mencionar que a acepção de ideologia althusseriana não deve ser entendida como uma representação que deforma a realidade. Ela não é uma instância exterior ao sujeito que, ao ser inserida, modifica a sua realidade, ao contrário, a ideologia é tida como pertencente ao sujeito que, por estar interpelado, acredita que as condições sociais ao qual está inserido foram dadas de forma natural.

Apesar do intenso estudo, Althusser (1998) não se preocupou em tratar da Linguística em seu trabalho acerca dos aparelhos ideológicos do estado e da ideologia. Por esta razão, Pêcheux tenha se debruçado na elaboração de uma teoria (do discurso) que articulasse a Linguística com a teoria materialista ideológica, não só reaplicando como reformulando alguns dos conceitos desenvolvidos por Althusser.

¹ Grifos do autor.

² Grifos do autor.

O discurso é o lugar de constituição do sujeito e de constituição do sentido. Essas constituições se dão por meio da relação ideologia-inconsciente, mediadas pela materialidade da língua. É a ideologia que fornece as evidências necessárias para que um sujeito possa dizer o que ele quer dizer e seja entendido pelo o que ele diz. Pêcheux (2014b, p. 145), sobre a formação do sujeito, coloca “que, sob *evidência* de ‘eu sou realmente eu’ (com meu nome, minha família, meus amigos, minhas lembranças, minhas ‘ideias’, minhas intenções [...]), há o processo de interpelação-identificação que *produz* o sujeito no lugar deixado vazio”³.

Logo, ao interpelar o sujeito, a ideologia cria um efeito de evidência que propicia a naturalização dos efeitos de sentido. Ao esquecer a história e se filiar a uma série de já-ditos, os sentidos vão sendo alocados, captados e apreendidos socialmente, tornando-os naturais por parte do sujeito. Dessa maneira, a ideologia trabalha na produção de evidências que naturalizam a relação imaginária do homem com suas condições materiais de existência – circunstância necessária para a constituição do sujeito. Ademais, Pêcheux (2014b) acrescenta que

[...] é a ideologia que, através do “hábito” e do “uso”, está designando, ao mesmo tempo, *o que é e o que deve ser*, e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de “retomada de jogo”. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados⁴. (PÊCHEUX, 2014b, p. 146)

O caráter material do sentido ao qual Pêcheux (2014b) se refere é todo o complexo de formações ideológicas que atravessam o sujeito. Pêcheux e Fuchs (2014) apontam que, para Althusser, os *aparelhos ideológicos de estado* são os lugares em que se dá a luta de classes e que é no interior desses aparelhos que se estabelecem, a partir de posições políticas e ideológicas, “formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 163). Tal entendimento dá base à concepção de formação ideológica adotada na teoria do discurso. Sendo assim, “cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não

³ Grifos do autor.

⁴ Grifos do autor.

são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras”⁵ (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 163).

Dessa maneira, na teoria da Análise de Discurso, desenvolvida por Pêcheux, o sujeito discursivo é sempre um ser social, construído pelo e no coletivo, assim é um sujeito que não se fundamenta no “eu” individualizado, mas que existe na interpelação de formações ideológicas. Nessa noção, apesar do sujeito acreditar que é a origem do seu dizer e que tem plena autonomia para controlar o que diz, dominando os sentidos, ele é determinado pela história e pelos já-ditos que regem o lugar social do qual participa. Todo esse processo discursivo que atua sobre o sujeito é denominado por Pêcheux e Fuchs (2014) como assujeitamento. Para mais,

[...] a modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar *interpelação*, ou o assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja *conduzido*, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a *ocupar o seu lugar* em uma ou outra das duas classes sociais antagônicas do modo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classe ligada a uma delas)⁶. (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 162)

Assim, o sujeito atravessado pela ideologia é submetido a um conjunto de regras que delimitam o seu discurso, tornando-se um ser assujeitado que ao mesmo tempo é condutor do seu discurso e de muitos outros que o antecedem. Outrossim, salienta-se que a noção de assujeitamento apontada pelos autores não é dirigida ao sujeito empírico, mas ao discursivo. Dessa forma, o sujeito da Análise do Discurso se constitui dentro de um processo discursivo, o que significa dizer que ele se institui quando interpelado por uma ideologia, que permite, por conseguinte, a inscrição em determinada formação discursiva, para só assim poder enunciar determinados discursos.

Diante disso, compreende-se que os sentidos são construídos na exterioridade do linguístico – no social, sendo os aspectos sócio-histórico-ideológicos condições de produção do discurso. Segundo, Pêcheux (2014a, p. 78), “*é impossível analisar o discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas é necessá-

⁵ Grifos dos autores.

⁶ Grifos dos autores.

rio referi-lo ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção”⁷. Portanto, nas próximas seções, passaremos a conhecer um pouco da história da criação das tirinhas de “Um Sábado Qualquer”, para que, em seguida, seja feita uma breve análise discursiva das materialidades a fim de identificar o conjunto de formações ideológicas.

3. *Conhecendo Deus e o seu criador*

Das webtiras que compõem o cenário de histórias em quadrinhos *on-line*, uma das mais lidas são as tirinhas de “Um Sábado Qualquer”, doravante USQ. Com um número expressivo de leitores em suas plataformas digitais (mais de 2.500.000 leitores no *Facebook*⁸, cerca de 550.000 no *Instagram*⁹ e aproximadamente 55.000 seguidores no *Twitter*¹⁰), as HQs de USQ são um bom de exemplo de que esse gênero textual está se popularizando em meio aos leitores brasileiros.

As tirinhas de USQ são produzidas pelo cartunista Carlos Ruas e disponibilizadas, inicialmente no *blog* homônimo, para em seguida serem compartilhadas em outras redes sociais. As tirinhas possuem como personagem principal Deus, figura que é a representação da divindade maior do Cristianismo. Deus é caracterizado como um senhor idoso, de barba branca e calvo, trajando uma túnica amarela. Outros personagens que fazem parte do núcleo fixo de personagens são: Luciraldo, personagem representativo do diabo, e Adão, Eva e Caim, representações dos primeiros humanos. Ademais, as HQs ainda contam com personagens especiais, cuja participação figuram em uma ou outra história, são esses: personagens que representam personalidades da literatura mundial (Darwin, Freud, Nietzsche e Einstein) e personagens equivalentes a outras divindades religiosas (Zeus, Odín, Oxalá, Buda, entre outros).

⁷ Grifos do autor.

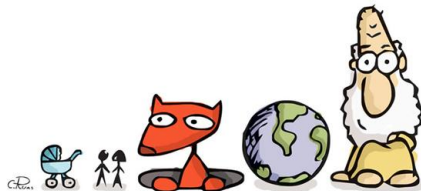
⁸ Endereço da página do *USQ* no *Facebook*: https://www.facebook.com/umsabadoqualqueroficial/?ref=br_rs

⁹ Endereço de *USQ* no *Instagram*: <https://www.instagram.com/umsabadoqualquer/?hl=pt-br>

¹⁰ Endereço de Carlos Ruas no *Twitter*: <https://twitter.com/sabadoqualquer>

A série de HQs do USQ já se encontra em atividade por dez anos e, em 2012, ganhou o prêmio HQMIX de Melhor WebTiras. A premiação HQMIX é considerada o Oscar do gênero quadrinhos no Brasil. Atualmente a série conta com a publicação de quatro livros impressos que reúnem as tirinhas publicadas de 2009 a 2017.

Figura 1: Personagens principais das tirinhas de “Um Sábado Qualquer”.



Fonte: Site HQQISSO¹¹.

4. Enquadrando Discurso e Ideologia: analisando “Um Sábado Qualquer”

Antes de se dedicar à análise das formações ideológicas, cabe mencionar as condições de produção dos quadrinhos de USQ. De acordo com Orlandi (2015, p. 28), as condições de produção “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”, podendo ser consideradas em sentido estrito ou amplo. As condições em sentido estrito têm a ver com as circunstâncias da enunciação, ou seja, o contexto imediato no qual ocorre a produção do dizer. O sentido amplo, por sua vez, considera o contexto sócio-histórico e ideológico. É a partir da análise das condições de produção do discurso que se pode perceber as mudanças pelas quais determinado discurso passou, verificando a situação na qual foi produzido, o sujeito que o enunciou e a ideologia que interpelou esse sujeito.

Com relação às condições de produção de USQ, destacam-se, inicialmente, o contexto imediato em que as tirinhas foram produzidas. Nesse caso, a tríade “No Princípio” foi publicada no ano de 2011 no *blog*

¹¹ Disponível em: <<http://hqqisso.com.br/o-deus-das-web-tiras-um-sabado-qualquer/>>. Acessado em: 17 de fev. 2020.

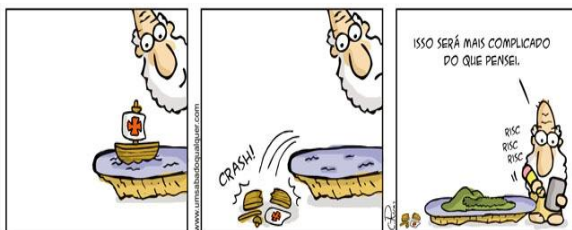
“Um Sábado Qualquer”. O produtor das tiras, como mencionado na seção anterior, é o cartunista Carlos Ruas.

No tocante ao contexto amplo, destacam-se três condições, a saber, a *internet*, a valorização das tiras no meio nacional e o cristianismo. O advento da *internet*, nas últimas duas décadas, possibilitou um aumento referente à sociabilização de histórias em quadrinhos, principalmente de autores independentes, isto é, que não possuem vínculos com empresas da indústria editorial. Logo, a *internet* propiciou aos novos artistas um meio cujos custos reduzidos convergiam com a velocidade de exposição.

A segunda condição é a crescente valorização das tirinhas por parte da sociedade, principalmente com a introdução desse tipo de gênero textual nos livros didáticos e exames escolares nacionais. O cartunista até faz uma subdivisão de suas tiras por disciplina escolar a fim de facilitar o uso delas por parte dos professores¹². Ademais, ainda relacionado ao contexto amplo, atribui-se o fato de historicamente a sociedade brasileira ter como seguimento majoritário as religiões cristãs¹³. Assim, ao apresentar na maioria das tirinhas personagens do cenário religioso cristão como Deus, Adão, Eva, Caim e Luciraldo, o sujeito cartunista antevê uma aceitação por parte do público, já que boa parte dos seus leitores compartilham de uma memória discursiva.

A seguir, analisa-se a primeira tirinha selecionada.

Figura 2: No princípio 4.



Fonte: RUAS, Carlos. *Um Sábado Qualquer*. 2020.

¹² Tirinhas didáticas do USQ em alta resolução para sala de aula. Disponível no endereço: <https://www.umsabadoqualquer.com/tirinhas-didaticas-do-usq-em-alta-resolucao-para-sala-de-aula/>.

¹³ Ver notícia sobre a taxa de religiosos no Brasil no site do IBGE, censo de 2010. Disponível no endereço: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>.

“No Princípio 4”, primeira parte da sequência de três tiras, há Deus iniciando o seu projeto de terra. Logo, verifica-se, na produção desse discurso, o sujeito foi interpelado por uma formação ideológica religiosa, uma vez que a escolha do personagem divino e a sua posição como criador da terra remetem aos escritos bíblicos do cristianismo: “*No princípio, Deus criou o céu e a terra. Gênesis 1:1/Quando Javé Deus fez a terra e o céu... Gênesis 2:4*” (BÍBLIA, 2013, p. 14-15). Outro elemento que chama atenção para uma nova formação ideológica nesta materialidade discursiva é a utilização da embarcação com uma cruz vermelha. Esse uso depreende a prática de uma ideologia histórica – as expansões marítimas, ao mesmo tempo que fortalece o discurso religioso, já que a cruz é símbolo da Ordem de Cristo e, quando estampada nas velas dos navios, prenunciava a fé de sua tripulação aos povos considerados pagãos.

É interessante analisar que o sujeito, apesar de estar interpelado por uma formação religiosa, o seu discurso desliza para um efeito humorístico ao invés de sacro. Nesse sentido, há a verificação de mais uma prática social que se ancora na tradição do gênero textual no qual o discurso é materializado, isto é, devido ao discurso estar materializado em uma tirinha, o tom que se assume é o de humor. Nepomuceno (2005), após fazer um estudo analítico de 200 tiras, resume as características do gênero tira em sete pontos. Acercado humor nas tiras, a autora aponta que:

5 – A *função social* é provocar o riso. É o riso em todos os seus tons: ingênuo, patético, festivo, alegre, e mais raramente, o riso satírico, mordaz, cáustico, etc. O humor não se fecha no riso cômico e solto das piadas, mas reveste-se de tons variados, no resgate das imagens rabelaisianas.

6 – [...] Além da narrativa, o enunciado é especialmente um tipo de *discurso humorístico*. O humor está presente nas mais variadas formas e situações da vida, por meio de uma perspectiva ficcional. No discurso humorístico há uma voz que subverte a razão, os valores, as crenças, a moralidade, uma voz que quebra a expectativa, pondo em xeque as representações concebidas pelo indivíduo e pela coletividade. Por esse viés não se pode descartar o valor argumentativo da linguagem. O humor está a serviço de uma situação(ões) que se quer questionar. Este é também um fator de regularidade e mantém as *forças centrípetas* do gênero. A articulações das linguagens (verbais e visuais) estruturam a argumentação como um paradoxo desestabilizador das verdades. (NEPOMUCENO, 2005, 109)

Portanto, com base em Nepomuceno (2005), compreende-se que, na produção do discurso quadrinista de USQ, o sujeito é interpelado por uma formação ideológica humorística, pois esta formação subjaz o gêne-

ro discurso tirinhas. Em outras palavras, o sujeito cartunista, ao materializar o discurso por meio de tirinhas, tende a utilizar o humor no seu dizer, pois isso já é uma prática ideológica dos discursos quadrinísticos por meio de tiras.

Figura 3: No princípio 5.



Fonte: RUAS, Carlos. “Um Sábado Qualquer”. 2020.

Na produção da segunda tira, “No Princípio 5”, é possível perceber que o sujeito também foi interpelado por formações ideológicas religiosas e humorísticas, devido à materialização da representação divina Deus e dos dizeres textuais que parafraseiam textos bíblicos: “No final acrescentar árvores, água, plantas, montanhas...” ↔ “Deus disse: ‘Que exista um firmamento no meio das águas para separar águas de águas!’ / Deus disse: ‘Que a terra produza relva, ervas que produzam semente, e árvores que deem frutos sobre a terra...’” (BÍBLIA, 2013, p. 14). Ainda nesta materialidade linguística, observa-se que a ideologia religiosa é reforçada pela presença de Adão, personagem que, na memória discursiva cristã, é apontado como o primeiro homem criado por Deus: “Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente. Gênesis 2:7” (BÍBLIA, 2013, p. 15).

A formação humorística novamente é acarretada pelo uso do gênero textual tirinhas, que, como dito anteriormente, fomenta o uso do humor. No caso dessa materialidade, há um deslizamento dos efeitos de sentido para dois dizeres: o primeiro é referente à fala do personagem Adão, no último quadro da tira, e o segundo, que se conecta ao primeiro, é o formato da terra produzida por Deus.

De acordo com Nepomuceno (2005, p. 108), “nas tiras, o *signo* é constituído de duas linguagens: visual e verbal, além do uso de outros recursos de linguagem, tais como balões, interjeições, onomatopéias, metonímias e metáforas visuais, enquadramentos, etc.”. O jogo entre o verbal e o não-verbal da materialidade aciona um traço metonímico, o da parte pelo todo. A expressão: “Queijo... Tá faltando o queijo” junto com a imagem da terra e o seu processo de feitura dão a ideia de que Deus criou uma pizza, gerando o efeito de humor.

Figura 4: No princípio 6



Fonte: RUAS, Carlos. *Um Sábado Qualquer*. 2020.

Por fim, na produção da última tira, “No Princípio 6”, detecta-se, além das formações apontadas anteriormente, outra formação ideológica, a científica. Ainda que os formatos de terra apresentados sejam vistos como lúdicos e inocentes por um leitor menos atento, deve-se ter em mente que, na história das ciências, houve discussões sobre o real formato do planeta Terra. Destarte, o modo como a terra é construída pelo personagem Deus, embora gere o efeito de riso por lembrar uma pizza, também pode acionar memórias do embate entre os globalistas e os ter-raplanistas¹⁴, uma vez que os protótipos de terra criados por Deus não possuem outro formato a não ser o plano e o circular.

¹⁴ As primeiras discussões sobre o formato plano da Terra ocorreram no fim do século 19, tendo como expoente Samuel Rowbotham que publicou *Astronomia Zetética – A Terra não é um globo*.

Observa-se também a interpelação do sujeito cartunista pela FI científica quando observamos, nas três materialidades, o modo como o personagem Deus age no processo de construção da terra. A despeito de ser um Deus, que, na memória discursiva cristã, é conhecido como Onipotente/Todo-poderoso¹⁵, ele trabalha em seu projeto utilizando-se do método científico (observando, questionando, experimentando...).

5. *Palavras finais*

A partir da obra de Ruas, este estudo se propôs a analisar as formações ideológicas que interpelam o sujeito cartunista na constituição do gênero discursivo tirinhas. No corpus selecionado, foi possível verificar, sob a ótica da Análise de Discurso desenvolvida por Pêcheux, que o sujeito, no momento em que discursiviza, é interpelado por mais de uma ideologia. No caso do gênero em análise, essa pluralidade ideológica se torna importante, uma vez que possibilita efeitos de humor.

O discurso quadrinístico produzido pelo sujeito cartunista é atravessado por ideologias do campo humorístico, religioso, histórico e, em um nível mais profundo, do científico. Nas tiras analisadas, percebe-se o personagem Deus projetando a terra. O interessante é que Deus, mesmo sendo um personagem divino, apresenta-se de forma humanizada, isto é, tomado por emoções consideradas humanas. Deus preocupa-se com as falhas do seu projeto (Isso será mais complicado do que pensei. – “No Princípio 4”), fica feliz quando consegue realizar a sua obra (E pronto! O que achou?– “No Princípio 5”) e sente-se frustrado ao receber críticas sobre o seu trabalho (Me dediquei dias e dias para ter que fazer outro. – “No Princípio 6”).

Ademais, em uma formação ideológica religiosa cristã, deve-se reafirmar Deus como o criador da terra e de tudo o que nela habita. Não há margem para especulações sobre a autoria de criação, mesmo que, como apresentado humoristicamente pela tira “No Princípio 6”, seja uma terra feita a partir de um projeto falho. Portanto, a mobilização do conceito de formação ideológica, conforme a teoria da Análise de Discurso pecheutiana, possibilita análises sobre quais ideologias materializam-se em determinados discursos.

¹⁵ Ver Salmos 91:1, Ezequiel 1:24 e 10:5 e Rute 1:21.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Trad. de Joaquim José de Moura Ramos. Editorial Presença: Martins Fontes, 1998.

BÍBLIA SAGRADA: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus. 2013.

NEPOMUCENO, Terezinha. *Sob a ótica dos quadrinhos: uma proposta textual-discursiva para o gênero tira*, 2005. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas-SP: Pontes, 2013.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed., Campinas: UNICAMP, 2014^a. p. 59-158

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi *et all.* 5. ed. Campinas-SP: UNICAMP, 2014b.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2014. p. 159-250

RUAS, Carlos. *No princípio 4*. 2011. Disponível em: <<https://www.umsabadoqualquer.com/320-no-principio-4-tiras-que-deveriam-ter-sido-postadas-anteriormente/>>. Acessado em: 05 jan. 2020.

RUAS, Carlos. *No princípio 5*. 2011. Disponível em: <<https://www.umsabadoqualquer.com/321-no-principio-5-tiras-que-deveriam-ter-sido-postadas-anteriormente/>>. Acessado em: 05 jan. 2020.

RUAS, Carlos. *No princípio 6*. 2011. Disponível em: <<https://www.umsabadoqualquer.com/322-no-principio-6/>>. Acessado em: 05 jan. 2020.